

**A PROSTITUTA, A MULHER E A CIDADÃ.
PERSPECTIVAS DE UM PROJECTO
DE INTERVENÇÃO SOCIAL NA ÁREA
DA PROSTITUIÇÃO**

Helena S. Fidalgo

*Centro de Acolhimento e Orientação à Mulher
Obra Social das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor*

Tel: 218880192 • Fax: 218880206

Email: helenafsilva@gmail.com

“Mulheres de rua?.. Mulheres de esquina? Mulheres de vida alegre?...Este último nome pretende tapar a verdadeira realidade que a imensa maioria das mulheres que exercem a prostituição esconde. Será “alegres” só por saírem à rua exibindo-se de todas as formas possíveis para sobreviver? Onde está a sua alegria quando são vítimas de todos os tipos de violência e exploração” (Zabalza, Maria Angeles, 2005).

A sociedade em geral condena, sem saber e sem conhecer, quem são as mulheres e como é a vida de uma mulher prostituta. Nos dias de hoje, a prostituição surge em diferentes contextos e com diferentes actores, estando associada ao tráfico de seres humanos, exploração sexual e laboral, ao crime organizado, por sua vez à imigração ilegal sempre associadas ao estigma e exclusão dos direitos humanos.

Desde 1987 em Lisboa, a Obra Social das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor desenvolve um trabalho de humanização junto da mulher que se prostitui na rua. Este trabalho é desenvolvido através de um Programa de Inclusão com a Mulher em Contexto de Prostituição de Rua e tem por base os princípios orientadores dos fundadores da Congregação: o respeito pela mulher prostituída, a aceitação do ritmo individual, a escuta activa e atenta aos sinais de cada mulher, acreditar na possibilidade de mudança e o incentivo para que as mulheres sejam as protagonistas da sua própria vida. No fundo, torna-se evidente que estas mulheres devem ser encaradas como cidadãs de pleno direito na nossa sociedade.

Este programa de inclusão inicia-se no próprio local (a rua) onde a mulher se encontra a prostituir, através do denominado Encontro na Rua. Nestes encontros, as equipas constituídas por técnicos e mulheres, que no passado já exerceram a prostituição, estabelecem uma relação empática e de confiança permitindo, prevenir comportamentos sexuais de risco e ainda informar e encaminhar para os serviços da comunidade.

Posteriormente as mulheres são encaminhadas para o Gabinete de Acompanhamento em Regime Ambulatório (GARA), onde são disponibilizados de forma gratuita e livre os acompanhamentos sociais, psicológicos e jurídicos, assegurando assim as necessidades prioritárias diagnosticadas. Este serviço proporciona à mulher um acompanhamento individual e personalizado que, de acordo com a sua liberdade, se mobiliza para a procura de apoio. O apoio é disponibilizado de forma continuada, independentemente da opção tomada pela Mulher de manter a prostituição, ou iniciar outro projecto de vida.

Posteriormente às mulheres é-lhes proposto iniciarem um projecto designado *Sou Mulher e Cidadã* composto por dois momentos *Identidade Pessoal e Novas Oportunidades – Certificação Escolar*. Nesta fase, a mulher decide deixar a rua por 3 horas diárias e aceita, por um lado, re-construir o seu eu, e por outro lado, aumentar a sua escolaridade.

A identidade pessoal diz respeito àquilo que uma pessoa é num determinado momento do seu tempo existencial e àquilo que será no percurso cronológico. Como podemos depreender, a identidade pessoal, constitui uma dimensão complexa e abrangente do Ser Humano, com variáveis como a personalidade, a cultura, o universo social, emocional, afectivo, etc. Deste modo, pode dizer-se que a identidade pessoal constitui também um auto-conhecimento, que deve visar o funcionamento adaptativo da pessoa, com o objectivo de proporcionar um projecto de vida livre, consciente e realizador.

É nesta perspectiva que vemos nesta etapa, um espaço que permite à mulher ter uma possibilidade de auto-conhecimento, de reflexão, acção livre e autêntica, para poder descobrir-se e assim optar pelo seu projecto de vida, aquele que na verdade é o seu. Sem uma identidade pessoal sólida, torna-se mais difícil a escolha consciente e a consequente integração adaptada. Um desenvolvimento disruptivo, quer a nível psicológico quer social, compromete de forma negativa a construção identitária e a possibilidade de um auto-conhecimento suficiente, que possibilite o desenvolvimento de uma auto-estima saudável e securizante. É este o compromisso interventivo que se propõe às mulheres nesta fase. Muitas questões, por vezes, não têm respostas fáceis, necessitam de ser trabalhadas de forma diferenciada entre as mulheres, com a ajuda dos técnicos e professores das actividades. Esta abordagem requer, obviamente, que a mudança seja feita a um ritmo que depende da evolução individual de cada mulher.

Esta etapa é composta por diferentes sessões, como o grupo terapêutico, saúde, informática, olhar o mundo e ainda as competências sociais. Segundo McFall (1982), a competência consiste na adequabilidade e qualidade da execução global de uma tarefa particular é um termo avaliativo, que reflecte o julgamento de alguém acerca da adequação da execução de determinada tarefa. É evidente que para ser ajustado, um comportamento não precisa de ser excepcional mas sim adequado. Termos conhecimento de nós mesmos e dos outros é uma componente essencial da competência social. As pessoas que não tem consciência das necessidades e interesses dos outros, ou dos seus próprios interesses, necessidades ou comportamentos, é improvável que funcionem de forma competente. Do mesmo modo, é importante estarmos conscientes do que queremos, sentimos, pensamos e fazemos, de forma a planearmos e ajustarmos as nossas acções.

Paralelamente à Identidade Pessoal as mulheres encontram-se num processo de Novas Oportunidades, que lhes permite obter um aumento da escola-

ridade. Toda esta etapa permite à mulher preparar-se para uma mudança, que pode ou não acontecer no imediato, a integração profissional. Muitas vezes, esta integração é composta por conquistas e derrotas, que continuam, se a mulher assim o entender, a ser partilhadas no acompanhamento técnico.

O programa de intervenção social, realizado na Obra Social das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, é dinâmico sendo constantemente adequado às alterações que o fenómeno da prostituição envolve, pois o conhecimento obtido através da intervenção permite uma abordagem pertinente e eficaz para as mulheres.

Para quem vive ou sobrevive da prostituição, torna-se urgente medidas que lhes confirmem direitos, mas de modo a que o negócio não seja fomentado. As mulheres que optem por exercer a prostituição, devem ter essa liberdade e autonomia, de forma a que o proxenetismo não se aproveite desta situação. Em relação às mulheres que optem por sair da rua, devem ter condições para tal aconteça, sendo apoiadas de forma a encontrar as respostas adequadas às situações individuais. O papel do técnico de serviço social nesta instituição, permite ao projecto uma abordagem a nível individual e a nível do grupo, pelo que se obtém uma dimensão mais global e abrangente no conhecimento de cada mulher e assim estar mais consciente e atento às reais necessidades de cada mulher.

A nível global é urgente o combate ao tráfico e à prostituição forçada, tendo que existir por parte dos governos um maior investimento, de forma a que sejam punidas as redes criminosas e a todos os que lucram e actuam nesta área.

Bibliografia

- McFALL, R. (1982), *A review and reformulation of the concept of social skills*, Behavioral Assessment, 4, 1-33.
- ZABALZA, Maria Angeles (2005), *Quem levou o meu ser? Mulheres de Rua*, Lisboa, CML – Divisão da Imprensa Municipal.